

O ENTARDECER

Evelise S. Marra,¹ São Paulo

evelisemarra@gmail.com

Na praia onde Eva estava nos seus últimos dias, ao entardecer, o sol se põe no mar. Não havendo nuvens, é um espetáculo deslumbrante; e, quando desaparece dentro do mar, quem assiste a tudo aplaude, principalmente se estiver em grupo. Mas as pessoas estão na preconceção do pôr do sol no dia seguinte.

Vivo a experiência de que o entardecer uma hora termina, em um facho de intensa escuridão, que ilumina, desconcertadamente, a perda e ausência no próximo pôr do sol.

Restam, enfim, as memórias.

Conheci o Eva, que já era Eva, e não Antonio, ou Antonio Carlos, em 1968/1969 no HC da FMUSP e me impressionei com o psicanalista, na época, mais psicodramatista, que uma noite nas escadarias da Faculdade de Medicina, na saída de um evento científico, proclama em alta voz: “Viva o Corinthians!” É provável que, saindo do evento, tenha ficado sabendo do resultado de algum jogo. Não havia ainda o celular, que, também, jamais consultaria disfarçadamente durante alguma atividade de trabalho. Estranha memória, pois era indubitavelmente discreto.

Acaso, escolha e duas revoluções nas vidas particulares de cada um nos levaram a um casamento mútuo e um casamento, sem perceber qualquer decisão, com a psicanálise e a SBPSP. A Vida, isto é, família, profissão, desenvolvimento, amizades, se desenrolou nesse amálgama em constante balanço. De sobra, uma carreira e relações preciosas de amizade.

Na total impossibilidade de falar da experiência emocional deste presente, relembro um fragmento dessa vida misturada.

Avenida Berrini, em São Paulo, perto das 23 horas, em uma provável quarta-feira, dia de reunião na SBPSP, sou parada, em uma blitz, por um PM, que me pede os documentos. Verificando os mesmos, pergunta se sei que minha carta está vencida. Surpresa, digo que não sabia, mas peço que não me penalize, pois, me comprometo a providenciar a renovação o mais rápido possível, contando que não me dei conta, pois estava voltando das férias.

1 Membro efetivo, analista didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psicóloga e mestranda pelo IP-USP. Analista e terapeuta de casal e família. Coordenadora do evento “Jornadas de Bion”.

PM: De férias? O que você faz?

Eu: Sou psicanalista.

PM: E o que um psicanalista faz?

Eu: (surpresa, mas empática, procuro uma resposta que comunique, mas que também corresponda ao que penso) Um psicanalista lida com questões emocionais sem dar remédio.

PM: Encosta ali (até então só estávamos próximos do meio-fio, e eu dentro do carro). Parei no lugar indicado e desci do carro.

Começa uma conversa em que me diz que a questão é que sofre de depressão e, quando vai à psiquiatra, ela o põe de licença por alguns dias e lhe receita antidepressivos. Digo que deveria fazer uma psicoterapia, conversar com um profissional.

Nisso, Eva que vinha, em outro carro, da mesma reunião e pelo mesmo caminho, vê a cena e para também. Apresento-o e digo ao PM que meu marido, psicanalista e médico, talvez possa orientá-lo melhor. Passo a questão para o marido e profissional. Ele diz que está insatisfeito, pois os remédios não resolvem, não quer ficar de licença, e os remédios ainda atrapalham a sua vida sexual. A conversa continua pela questão sexual, casamento, trabalho, família... Ficamos ali por curiosamente uns 50 minutos, lembro-me de que em algum momento o psicanalista disse ao PM que o trabalho dele na rua era algo muito difícil, e por fim orientou-o para procurar um serviço em Lorena (de onde ele era) e que procurasse fazer uma psicoterapia (conversa).

A experiência, além de prosaica e inusitada, foi marcante no que diz respeito ao desamparo e à indagação de “o que é psicanálise”, que ocupou tanto o psicanalista A. C. Eva.